

**GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA
(ORGANIZADORA)**



**CULTURA,
RESISTÊNCIA E
DIFERENCIAÇÃO
SOCIAL 2**

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Cultura, Resistência e Diferenciação Social 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C968	Cultura, resistência e diferenciação social 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Cultura, Resistência e Diferenciação Social; v.2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-524-2 DOI 10.22533/at.ed.242190908 1. Antropologia. 2. Identidade cultural. 3. Resistência cultural. I.Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série. CDD 306
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Cultura, Resistência e Diferenciação Social – Vol. 2” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos. A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espaço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica

aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“OS SERTÕES”, CANUDOS E CONSELHEIRO: NEM TUDO É POSITIVISMO	
Izaias Geraldo de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.2421909081	
CAPÍTULO 2	18
A PERSONALIDADE DE UM POVO, O TANGO E A SUA MEMÓRIA	
Daiane Glaucia de Oliveira	
Samuel Klauck	
DOI 10.22533/at.ed.2421909082	
CAPÍTULO 3	26
A TEORIA DA REVOLUÇÃO DO P.C.B.: OCTÁVIO BRANDÃO, A ALIANÇA DE CLASSES E O FEUDALISMO (1922-1935)	
Danilo Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909083	
CAPÍTULO 4	43
ANTROPOLOGIA E MODA: REFLEXÕES SOBRE A REDE DE CRIADORES E CRIADORAS DE SALVADOR	
Luana Nascimento Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.2421909084	
CAPÍTULO 5	54
“APRENDI COM MINHA MÃE”: O CONHECIMENTO TRADICIONAL NO TRATAMENTO DE ALGUMAS DOENÇAS EM TRÊS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO RIO GRANDE DO SUL	
Adelmir Fiabani	
DOI 10.22533/at.ed.2421909085	
CAPÍTULO 6	72
ARTE, CULTURA E MEMÓRIA NO PENSAMENTO DE FRIEDRICH NIETZSCHE	
Danilo Morae Lobo	
Auterives Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.2421909086	
CAPÍTULO 7	81
CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR	
Gildete Paulo Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.2421909087	
CAPÍTULO 8	90
COMUNIDADES TRADICIONAIS E A CONSERVAÇÃO DA FLORESTA: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE VILA FRANCA, RESEX TAPAJÓS-ARAPIUNS, PARÁ, BRASIL	
Marcos Diones Ferreira Santana	
Emeli Susane Costa Gomes	
Luciana Edilena Santos Guimarães	
Ana Daiane Lopes Costa	
Jarlei Dominique Souza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2421909088	

CAPÍTULO 9	101
MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO E CULTURA JAPONESA DA UFRGS E O POEMA HAICAI: EM PROL DA DIFUSÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL À SOCIEDADE LOCAL	
Tomoko Kimura Gaudioso	
DOI 10.22533/at.ed.2421909089	
CAPÍTULO 10	105
NACIONALISMO SOCIAL, CORPORATIVISMO FASCISTA E “AUTORITARISMO INSTRUMENTAL” NO PENSAMENTO DE OLIVEIRA VIANNA	
Fabio Gentile	
DOI 10.22533/at.ed.24219090810	
CAPÍTULO 11	117
O NEORREALISMO E O CICLO BAIANO DE CINEMA: A CONFIGURAÇÃO DE UM IDEÁRIO ÉTICO-ESTÉTICO NA BAHIA NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960	
Euclides Santos Mendes Milene de Cássia Silveira Gusmão	
DOI 10.22533/at.ed.24219090811	
CAPÍTULO 12	127
PONTOS DE CULTURA DO LITORAL NORTE E AGRESTE BAIANO E OS NOVOS PARADIGMAS DAS POLÍTICAS PÚBLICAS CULTURAIS	
Tárcio Leonardo Santos Mota	
DOI 10.22533/at.ed.24219090812	
CAPÍTULO 13	135
SABERES E HISTÓRIAS DAS BENZEDEIRAS NO LITORAL DO RIO GRANDE DO SUL	
Ana Paula Danielli André Boccasius Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.24219090813	
CAPÍTULO 14	142
SENSIBILIDADES DO LEMBRAR E DO ESQUECER NOS CORDÉIS-MEMÓRIA DE JARID ARRAES	
Fernanda Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.24219090814	
CAPÍTULO 15	152
TORÉ, UM DUETO DE FORÇAS QUE REÚNE POVOS ANCESTRAIS	
Elizabete Costa Suzart	
DOI 10.22533/at.ed.24219090815	
CAPÍTULO 16	164
TROPICALISTAS: OUSADIAS EM NOITES DE <i>HAPPENINGS</i> E COMUNICAÇÕES INTERROMPIDAS	
Givanildo Brito Nunes Edson Silva de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.24219090816	

CAPÍTULO 17	175
UMA INTERPRETAÇÃO DA RELIGIOSIDADE LUSO-BRASILEIRA NA PERSPECTIVA PSICOSSOCIAL DE RUDOLF OTTO	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.24219090817	
SOBRE A ORGANIZADORA	196
ÍNDICE REMISSIVO	197

CABARÉ DA RRRRRAÇA: O RECURSO DO RISÍVEL COMO METÁFORA DO ENTRE -LUGAR

Gildete Paulo Rocha
UNEB- DCHT. Eunápolis/Ba

RESUMO: O presente estudo de caráter multidisciplinar tem como espinha dorsal aportes teóricos oriundos de diferentes campos epistemológicos como, Artes Cênicas, Estudos Culturais, Pós-coloniais, sociologia, Antropologia e Filosofia com investigações específicas nas questões da identidade negra. Propõe problematizar o caráter ambivalente do riso (comédia) na abordagem do racismo/antirracismo dada pelo Bando de Teatro Olodum, na experiência cênica *Cabaré da Rrrrrraça* (1997-2018), no intuito de averiguar se tal abordagem – considerando seu contexto sociocultural, político e histórico – propicia um espaço para reflexão crítica que ressignifique valores ou não transcende o sensorial: identificação, incômodo.

PALAVRAS-CHAVE: cabaré da Rrrrrraça; identidade negra; entre-lugar; comicidade.

CABARÉ DA RRRRRAÇA: THE RESOURCE OF THE LAUGHABLE AS A METAPHOR OF THE IN-BETWEEN

ABSTRACT: The present study of multidisciplinary character has as its backbone the theoretical contributions coming from

different epistemological fields such as Scenic Arts, Cultural Studies, Postcolonial Studies, Sociology, Anthropology and Philosophy with specific investigations concerning the questions around black identity. It proposes the problematization of the ambivalent character of laughter (comedy) in the approach of racism / anti-racism given by the Bando de Teatro Olodum in the scenic experience *Cabaré da Rrrrrraça* (1997-2018), in order to investigate whether such approach – considering its sociocultural, political and historical context – provides a space for critical reflection that ressignifies values or does not transcend the sensorial: identification, annoyance.

KEYWORDS: Cabaré da Rrrrrraça; black identity; in-between; comedy

Antes, peço permissão para registrar a opção por manter o título do espetáculo em português, numa postura ideológica de reiterar a sonoridade e o significado de resistência que o mesmo imprime via repetição da consoante “r”.

Venho aproveitar esse espaço para apresentar algumas ideias, iniciais, que estão tomando forma com o desenvolvimento de uma pesquisa mais abrangente, no concernente a uma leitura sistemática da obra cênica espetacular *Cabaré da Rrrrrraça* (1997-2018) do

Bando de Teatro Olodum, que se propõe problematizar o recurso do risível (comédia) na abordagem do racismo/antirracismo – considerando o contexto sociocultural, político e histórico brasileiro – no intuito de refletir sobre sua viabilidade de propiciar o transcender do sensorial (incomodo, identificação) resignificando. A noção de “entre-lugares” caracteriza aqui um elemento intersticial onde se movimentam as diferenças (raça, etnia, sexualidade, dentre outros) em meio a jogos de poder e seus movimentos de negação/afirmação. De acordo com Bhabha (2013, p. 20) os “ ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Contextualizando as reflexões, o evento cênico *Cabaré da Rrrrraça* do Bando de Teatro Olodum (1997-2018) – sob a direção de Marcio Meireles – nas palavras de Lázaro Ramos propõe-se:

[...] discutir as várias faces da população negra: aquele negro consciente, aquele inconsciente, aquele que queria discutir, aquele que não queria. Aquele que usava como arma a estética, aquele que usava como arma de defesa a inconsciência (RAMOS, 2007, p.35).

A comicidade é um traço forte do Grupo, especialmente nos primeiros trabalhos. Existe a probabilidade, marcada historicamente, de o *Bando de Teatro Olodum* ter sofrido influência indireta da *Cia Baiana de Patifaria* por meio da montagem cênica “*A bofetada*” (1988), marcada pelo humor escancarado e coincidentemente o espetáculo de maior popularidade do teatro baiano, comprovando a inclinação da plateia soteropolitana para a comédia, isto é, por encenações cuja espinha dorsal seja o risível, em particular o trato de vivências locais sob o viés do humor. Leitura essa possibilitada ao atentarmos para o detalhe de que a estreia do *Bando* ocorre meio ao momento de grande euforia local com o espetáculo “*A bofetada*”. De acordo com Uzel (2012),

O Bando de Teatro Olodum entrou em cena pela primeira vez no período de auge da comédia *A bofetada*, espetáculo mais popular da história do teatro baiano. O sucesso desta montagem, lançada em novembro de 1988 pela Cia. Baiana de patifaria, evidenciou o interesse do público local em assistir a peças marcadas por uma comicidade sintonizada com a vivência em Salvador. Ou seja, servisse de parabólica do cotidiano (UZEL, p. 53, 2012).

O supracitado também corrobora para hipótese de ser o traço cômico, no evento cênico em questão, antes, uma continuidade de um recurso já presente em *Essa praia é nossa* (1991) comédia inaugural. Fato é que em *Cabaré da Rrrrraça*, obra objeto deste estudo a comicidade é tomada como “recurso estratégico”. Se a ideia de usar o humor como estratégia já existia no projeto inicial é algo a se verificar. Fato é que o cômico é a espinha dorsal do espetáculo. Para o diretor, seria um recurso para atenuar a abordagem temática do espetáculo: “agente oferece a fruta e, depois o caroço para a plateia engolir”. E, também passível de ser lido como forma de “suavizar” possíveis tensões e conflitos entre os presentes. Segundo o Bando, o formado do *Cabaré da*

Raça faz remissão a estética da Revista Raça Brasil – periódico lançado em 1996 – combinando desfile de moda no estilo “o negro é lindo” e talk-show televisivo. E, ainda, sob a autodenominação de “panfletário”, “didático”.

O uso do recurso da comédia – ainda que se considere o caráter estratégico – na abordagem do racismo/antirracismo no espetáculo “Cabaré da Rrrrraça” há tempos provoca em mim inquietação no tocante a sua eficácia no que diz respeito ao desejo e marca do Bando Olodum: a promoção do combate ao racismo; em virtude do risco latente de gerar apenas o riso pelo riso. O que levou a presente proposta de estudo, ou ainda, de problematização, no sentido foucaultiano, do referido objeto com intuito de ponderar se o entrelaçamento do risível (comédia) e o discurso antirracista no evento desencadeia outro nível de consciência, pois, a princípio, se acredita que sua eficácia crítica, no sentido da promoção de uma reflexão transformadora, está para a maneira como a obra cênica se ocupa desses lugares – que ecoam paradoxais, ambivalentes.

Inicialmente, sublinhamos dois fatores que corroboram para o paradoxo supracitado: primeiro, o contexto de racismo à moda brasileira, ecos da ideologia racial forjada entre fim do século XIX e meados do século XX pela elite brasileira, assinalada sobretudo pelo ideal do branqueamento via mestiçagem. Tais intelectuais, por sua vez, se pautaram em teóricos – tanto de seu tempo quanto de tempo anterior – ocidentais (europeus e americanos). O conteúdo político mestiçagem como sinônimo de homogeneidade (com predominância biológica e cultural branca) levou a crença de uma igualdade, de uma democracia e conseqüentemente que no Brasil não há prática de manifestações racista preconceituosas. Discursos com todo respaldo intelectual a exemplo de Gilberto Freyre e o mito da “democracia racial”, ou da “sociedade multirracial de classes”, na concepção de Donald Pierson, ou “um laboratório de civilização” conforme Arthur Ramos, bem como os discursos teóricos sobre a formulação de uma teoria étnica para o Brasil de Nina Rodrigues, Alberto Torres, Silvio Romero, dentre outros.

Segundo, ou, concomitantemente, o fato de em nossa sociedade o risível, o cômico funcionar como elemento que promove e dissemina práticas racistas via piadas, “brincadeiras”. Dado reiterado por Dahia (2008) ao afirmar que: o riso é uma “via intermediária” que o brasileiro lança mão para “extravasar seu racismo latente”, camuflando o teor racista e conseqüentemente safando-se da represália sem abrir mão da “satisfação simbólica que o riso propicia, ao mesmo tempo em que não compromete sua auto-representação de não racista”. O reconhecimento dessa realidade e o desejo de combatê-la é que move parcela (s) da sociedade no sentido de promover ações contrárias e assumir posturas de resistência em vários campos do conhecimento humano. Entretanto, por conta do objetivo desse texto, nos ateremos no campo das Artes Cênicas, mais especificamente, ao teatro negro baiano – Bando de Teatro Olodum.

É nesse contexto que o estudo proposto sobre a experiência cênica objeto desse estudo insere-se e justifica-se ao propor uma instauração de leitura mais acurada

em torno do diálogo estabelecido entre: o discurso político-ideológico de combate ao racismo e o uso do humor, tendo em vista o propósito maior do Bando. Soma-se a esse fato uma crescente consciência da extrema relevância de reflexão/problematização da temática do racismo em suas muitas formas de expressão na atualidade, acrescida pelo temor atual com um iminente alargamento das ideologias racistas uma vez que, ideologicamente, o racismo subjaz estruturalmente a cultura política configurando-se o racismo cultural uma variante do racismo biológico. É sabido que, dentre outras, que a produção artística e cultural tem um caráter estratégico vital na disseminação/manutenção do racismo via representações. Contudo, também podem ser instrumentos para rever representações, promover resistências, ou seja, serem revertidos em estratégias de autoafirmação sociocultural da comunidade negra e conseqüentemente desconstruções/reconstruções identitária a exemplo do caso em questão: o teatro negro e mais especificamente o teatro negro baiano – Bando de teatro Olodum. Logo, propor tal problematização configura-se, antes, como resistência em forma de reflexão crítica, necessária ao movimento de (re) construção identitária.

A escolha também se justifica ao constatarmos que, ainda, há poucos estudos sobre teatro negro e, no caso particular, a atual situação de investigação sobre o objeto de estudo em questão é incipiente e mais precisamente no tocante ao foco do aqui proposto – refletir sobre o caráter ambivalente do riso (comédia) na abordagem do racismo/antirracismo pelo Bando de Teatro Olodum, na experiência cênica *Cabará da Rrrrraça* – até o presente momento pode ser considerado original. Os trabalhos acadêmicos a título de dissertação, até o momento encontrado, na minha busca, foram os de Nildes Costa Ribeiro Vieira, *Cabará da Rrrrraça: um espetáculo panfletário, didático e interativo* e *Guerreiras do Cabará: a mulher negra no espetáculo do Bando de Teatro Olodum*, de Marcos Uzel; material agora editado pela Edufba. Logo, o referido estudo gerará conhecimento sobre um aspecto ainda não explorado, contribuindo para ampliar o conhecimento na área de Artes Cênicas – teatro contemporâneo negro baiano. Acrescenta-se a necessidade do espaço acadêmico, por seu caráter fomentador de toda uma movimentação crítica e social com maior propriedade científica, dar sua contribuição para alargar estudos, de cunho científico, sobre a literatura dramática, teatro negro baiano.

Diante do exposto e tendo como meta instaurar uma reflexão sobre o caráter ambivalente do riso (comédia) na abordagem do texto dramático *Cabará da Rrrrraça*, do Bando de Teatro Olodum, via análise dos recursos “estratégicos” do risível na abordagem do racismo/antirracismo no intuito de averiguar se tal uso coíbe, ou não, a reflexão crítica no concernente ao combate ao racismo no contexto sociocultural brasileiro. Partir-se-á da seguinte indagação/provocação: O caráter ambivalente do riso (comédia) presente na abordagem antirracista de *Cabará da Rrrrraça*, considerando seu contexto sociocultural, político e histórico, propicia um espaço para reflexão crítica que ressignifique valores ou não transcende o sensorial: identificação, incômodo? Ao iniciar este estudo, a proposta de investigação em torno do referido *corpus* partirá da

seguinte hipótese: o recurso do “humor estratégico” utilizado pelo Bando de Teatro Olodum, no espetáculo *Cabaré da Rrrrraça*, ecoa como indicador de um dos traços histórico cultural do brasileiro no tratamento das questões raciais, isto é, o viés do risível, da comédia (as relações da graça, do riso) é uma das formas de explicitação do racismo na cultura brasileira. Logo, tomar a comicidade como recurso intermediador para a discussão sobre o negro no Brasil, dentro do viés antirracista soa paradoxal, ambivalente.

Estudos nos trazem esclarecimentos do como os aspectos cômicos/ humorísticos tanto podem se estruturar no intuito de promover críticas a indivíduos em particular, ou ir de encontro a valores defendidos por instituições sociais, atuando, assim, como instrumentos propulsores e reveladores de um movimento de transgressão. Também, estabelecem proposições que convergem para compreensão do riso e do risível como elemento fronteiro, paradoxal, ambivalente. Ao partir do pressuposto de que o riso configura identificação de um ponto de vista crítico e a representação de uma situação, comportamento, atitude passível de riso por um segmento social, pode-se compreender o riso como expressão de uma identidade. Momento que se faz oportuno pensar no entrelaçamento entre os conceitos: cultura, linguagem e representação, concebendo cultura como “conjunto de valores ou significados partilhados” (Hall, 1997), tendo na ideia de representação sua centralidade. O racismo se estabelece socialmente pela linguagem via representações, sendo o risível um dos seus instrumentos, uma válvula para seu extravasamento.

As supracitadas compreensões do riso e do risível dentro do contexto sócio cultural e histórico das relações sociais do negro no Brasil: “racismo à brasileira”, nos alerta a sermos cauteloso, pois, racismo velado e riso têm em comum o traço da ambiguidade. Contudo, no mesmo caráter ambivalente do cômico reside a fissura à subversão, afirmativa respaldada pela noção de ambivalência dialética apresentada por Bakhtin (1999).

No concernente ao impasse raça *versus* etnia e sua situacionalidade no contexto brasileiro contemporâneo – provado a inconsistência da raça biológica ou genética – embates teóricos tem ocorrido com vozes pro e contra a ideia de raça, a exemplo de Guimarães (1999). Momento em que se faz necessárias algumas pontuações em torno da abordagem do racismo/antirracismo e conseqüentemente políticas de identidade negra no Brasil, visto que o antirracismo brasileiro encontra grandes entraves que, segundo Guimarães, é devido a nossa sociedade ignorar o racismo em prol do ideal de homogeneidade e, por sua vez, a desigualdade racial ser vista como desigualdade de classe. E afirma que no Brasil a noção de “cor” é uma variante de “raça”. Com a ressalva de adotar uma concepção de raça num viés sociológico reconstruindo via criticidade noções dessa mesma ideologia. Tais posicionamentos estão em diálogo com Munanga, grande defensor da política de identidade étnica negra, em prol da reparação de desigualdades racial., sendo o conceito operacional “raça” concebido como relacional (entre membros de dada sociedade) cuja construção

é histórica e cultural. Contudo, defende a necessidade a polarização negros/brancos para fortalecimento político de superação das desigualdades centradas na noção cor/raça, em outras palavras, advoga o “antirracismo diferencialista”.

Por outro lado, temos os que advogam a favor de raça sob viés cultural, sendo um dos seus representantes Stuart Hall (2003), considerando-a “categoria discursiva”, isto é:

[...] a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor da pele, textura do cabelo, características corporais, etc, – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2003, p. 63, do autor).

Fato é que do ponto de vista conceitual tanto raça biológica quanto raça social são construções culturais, diferido apenas na base argumentativa fundacional.

Homi Bhabha (2013), problematiza sobre a construção/desconstrução da identidade do Outro através da perspectiva pós-colonial, para tanto estabelece a equação estereótipo = discriminação racial, onde o estereótipo é tido como uma estratégia fundamental para impor a dominação sobre o Outro, pois o processo de subjetivação desenvolvido através do discurso do estereótipo “ambivalente”: “instaura o ‘outro’ como sujeito, mas não o reconheci enquanto tal, porém reconhece para si” (p.107). A problematização de Bhabha é precisa para reflexão sobre o entrelaçamento comédia mais racismo/antirracismo = identidade negra uma vez que tal entrelaçamento está permeado pelo estereótipo (pelo discurso colonizador) “impossibilitando a diferença e circulação que libertaria o significante de *pele/cultura* das fixações da tipologia racial [...]. Isto porque o estereótipo impede a circulação e a articulação do significante de ‘raça’ a não ser em sua fixidez enquanto racismo” (p.117). Então temos a ambivalência do estereótipo enquanto representação do negro brasileiro somado a ambivalência do recurso da comédia que aborda essa representação dentro do contexto sociocultural e histórico das relações sociais do negro no Brasil: “racismo à brasileira”. O risível – o espaço do cômico ambíguo, ambivalente – cai na mesma problemática da noção de “entre-lugar” e sua operacionalização no contexto brasileiro (devido a especificidade brasileira no quesito racismo).

Ao até então mencionado, será acrescentado como estratégia de abordagem auxiliar as noções da crítica genética que possibilitará reconstituir paradigmas visitados durante sua criação, nas palavras de Salles (2002): “A Crítica Genética tenta discutir o processo e tenta compreender o tempo de concepção e gestação do produto. [...] procura uma maior compreensão desse processo ou dos princípios que caracterizam a criação; ocupa-se da relação entre texto e gênese [...] (p.19).

Lançaremos mão do pressuposto bakhtiniano para nos dar suporte no que diz respeito a identidade negro brasileira – o dialogismo. Concebido como intrínseco ao funcionamento da linguagem humana, e, por sua vez, entendido como interação do discurso de um sujeito com o (s) discurso (s) de outro (s) sujeito (s) em uma situação

real de comunicação estabelecida socialmente. Visto por esse prisma, o ser humano é concebido como ser da linguagem, sendo impossível pensar a construção identitária fora de um processo relacional e dialógico,

A interação viabiliza a atitude responsiva e, por sua vez, o caráter de responsividade do diálogo gera a possibilidade de resistência. Dessa forma para Bakhtin, o sujeito não é totalmente assujeitado ao social, pois na réplica está o inacabamento do sujeito, em outras palavras, o ser humano é inacabado e isso o possibilita um espaço de liberdade. De acordo com Irene Machado:

[...] a capacidade potencial de os seres vivos reagirem ao meio em que vivem [...] tornou-se o centro das reflexões de Bakhtin sobre a resposta”. [...] Antes mesmo de o dialogismo ganhar a dimensão de unidade para a análise cultural e se transformar no conceito-chave de sua poética, Bakhtin se dedicara ao estudo da resposta na relação dialógica do homem com o mundo, suas reflexões nesse sentido constam do ensaio ‘Arte e responsabilidade’ de 1919 (MACHADO, 1990, p.1).

Assim sendo, o dialogismo assume um caráter de discurso ou enunciado saturado ideologicamente. É no processo de interações contínuas que o “eu” vai se constituindo. Assim, a questão da alteridade pressupõe uma dimensão dialógica onde a interação entre o “eu” e o “outro” é crucial, configurando-se o hibridismo – “uma mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado” (BAKHTIN, 2010, p.156).

Tal processo relacional e dialógico remete à Bourriaud (2009) no tocante à estética relacional: “a arte contemporânea [...] desenvolve um projeto político quando empenha em investir e problematizar a esfera das relações. ” (p.23), evidenciando o caráter dialógico da arte, no caso específico das teatralidades do real torna-se mais evidente o território híbrido, a zona ambígua ao pensarmos o tratamento dado a realidade /ficção, ou seja, (presença/ representação); soma-se ao já referido a questão do riso/racismo.

Vale sublinhar o quão substancial são os efeitos que o espetáculo almeja sobre seu público, situação em que nas palavras de Lehmann (2007), o público assume o papel de “parceiro participante” ao que acrescento a pertinência de considerar a diversidade do público em sua dimensão inter-racial. A importância da interação é acentuada ao considerar o modelo cênico Interativo do *Cabaré da Rrrrraça*, tornando-se plausível vislumbrar que a resposta a questão geradora desse estudo pode estar no enquadramento dado ao cômico versus discurso antirracista.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos Antônio. A cultura negra e seus questionamentos na produção dramatúrgica/espetacular contemporânea. In: DUARTE, Eduardo de Assis. FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: UFMG, vol.4, 2011, p.339-373.

_____. *Marcas da violência: vozes insurgentes no teatro negro*. In: **Revista brasileira de Estudos da Presença**. ISSN 2237-2660. Porto Alegre: v.2, n.1, p. 123-147.

BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rebelias**. Hucitec, 1987.

- _____. **Estética da Criação verbal**. 5 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. **Questão de Literatura e de Estética (A teoria do Romance)**. São Paulo: editora Hucitec, 2010.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.
- BOURIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins, 2009.
- DAHIA, Sandra Leal Melo. A mediação do riso na expressão e consolidação do racismo no Brasil. **Sociedade e Estado**, Brasília: vl. 23, n3, p. 697-720.
- FISCHER-LICHTE, Érica. Realidade e ficção no teatro contemporâneo. In: **Revista Sala Preta**, São Paulo, n.2, il. 13, 2013. Trad.: Marcus Borja. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/69073/71517>. Acesso em 22/02/2016.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos). *Tempo Social*; **Revista de sociologia**. USP, São Paulo, v. 13, n. 02, p. 121-142, novembro de 2101. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12365>. Acesso em: 12/10/2017.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva; Guaracirica Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 102p.
- LEHMANN, Hans-Thies. **Teatro Pós-dramático**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- MACHADO, IRENE, A teoria do romance e a análise estético-cultural de M. Bakhtin. In: **Revista USP**. Março/Abril e Maio, p. 135-142, 1990.
- _____. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, BETH (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: editor Unicamp.
- MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. EDUNESP, São Paulo: 2003.
- MUNANGA, Gabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça e de racismo, identidade e etnia**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 24/08/2018.
- _____. Algumas afirmações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. In: **Revista da USP**, São Paulo, nº 68. P. 46-47, dez-fev, 2005-2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/144343404/kabengele-munanga-Algumas-consideracoes-sobre-raca-acao-afirmativa-e-identidade-negra-no-Brasil-fundamentos-antropologicos-pd>. Acesso em: 24/08/2018.
- RAMOS, Lázaro. Entrevista. In: **Revista Caros Amigos**. Casa Amarela, ano X, nº 18, jan. 2007, p. 32-39.
- SIMONI, Mariana. Atos e Desatos teóricos sobre performatividade no teatro contemporâneo. In: **III Simpósio Nacional, discurso, identidade e sociedade: dilemas e desafios na contemporaneidade**. Disponível em: http://www.iel.unucamp.br/sisis/anais/pdf/SIMONI_MARIANA.pdf. Acesso em: 13/09/2018.
- UZEL, Marcos. **As guerreiras do Cabaré: a mulher negra no espetáculo do Bando de Teatro Olodum**. Salvador: EDUFBA, 2012.

VIEIRA, Nildes Costa Ribeiro. **Cabaré da Rrrrrraça**: um espetáculo panfletário, didático e interativo. (Dissertação de Mestrado). Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, CEAO-UFBA, 2009.

ZILLES, Urbano. O significado do Humor. **Revista Famecos**, Porto Alegre- RS, nº 22, dec. 2003. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3239/2499>. Acesso em: 16/09/2018.

SOBRE A ORGANIZADORA

GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.

Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).

Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.

Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arte 7, 72, 87, 133, 134

C

Civilização 5, 115, 161

Comunidade 62, 93, 94, 98

Conhecimento 54, 70, 97

Contexto 98

Cultura 2, 5, 8, 18, 24, 26, 54, 70, 72, 101, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 140, 142, 162, 164

D

Democracia 134

Desenvolvimento 55, 70, 90, 97, 98, 99, 128, 164, 196

Diferenciação 2, 5, 24

Discurso 162

E

Escola 98, 122, 125, 126, 128

H

História 2, 3, 12, 13, 16, 17, 26, 30, 34, 39, 41, 42, 54, 70, 71, 72, 88, 115, 141, 151, 160, 161, 175, 176, 193, 194

I

Identidade 25, 127, 130

L

Liberdade 98, 185

M

Memória 71, 72, 79, 117, 151, 164, 194

P

Percepção 141

Política 42, 97, 127, 128, 129, 133, 134

Processo 141

R

Realidade 88

Resistência 2, 5, 24, 154

Revolução 5, 27, 28, 35, 37, 38, 41, 42, 106, 111, 136

S

Social 2, 5, 6, 17, 24, 26, 40, 41, 52, 55, 70, 88, 97, 131

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-524-2



9 788572 475242